

Grafite como veículo folkcomunicação na cultura urbana e underground na cidade de Manaus/AM¹

Ester da Silva Conceição²
Mayson Julio Gomes Nogueira³
Maria Clara Ferreira Rendeiro⁴
Filipe Duarte Bezerra⁵
Luis Fernando Oliveira de Castro⁶
Larissa Gemaque de Oliveira⁷
Ayla Milena de Souza Araújo⁸
Gabriel Ferreira Fragata⁹
Gleilson Medins¹⁰
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Resumo

Este artigo explora o grafite como uma manifestação cultural e urbana e veículo folkcomunicação da cidade de Manaus (AM), com foco nos grupos urbanos marginalizados. Baseado nos estudos de Luiz Beltrão (1980), o estudo analisa como o grafite serve como ferramenta de resistência, identidade e denúncia social, utilizando os espaços urbanos, como os muros. O grafite é abordado nos estudos de Folkcomunicação, que destaca a criação de uma linguagem própria para grupos excluídos. A pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa, com ênfase na etnografia, para estudar os bairros manauaras e identificar líderes folkcomunicacionais. O estudo é exploratório e visa entender como o grafite se torna um mecanismo de expressão e protesto simbólico nas áreas marginalizadas de Manaus, refletindo a cultura underground e o subgênero político-ativista, com o objetivo de analisar essa arte serve de veículo folkcomunicação dos grupos marginalizados da capital amazonense.

Palavra-chave: Grafite; Folkcomunicação; Marginalizados; Cultura Underground.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ-07) - Comunicação e Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Discente do sétimo período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

³ Discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁴ Discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁵ Discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁶ Discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁷ Discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁸ Discente do terceiro período, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC).

⁹ Doutor em Comunicação, Cultura e Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA-Ufam), Diretor Regional Norte da Rede Folkcom, Professor substituto do curso de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC-Ufam), Membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokano-Ufam). Orientador do trabalho.

¹⁰ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (ICSEZ/UFAM). Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokano/UFAM) e do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Imaginário (Imaginalis/UFRGS). Coordenador de Comunicação e Técnico Audiovisual da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da UFAM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4104-5507>. E-mail: gleilsonmedins@ufam.edu.br. Orientador do trabalho.

Introdução

O grafite, expressado de forma artística subversiva nos viadutos da cidade de Manaus, capital do Amazonas, antes “limpos”, suscita diferentes reações dos passantes, entre curiosidades e críticas, principalmente quando essas inscrições são feitas em locais privados. Entretanto, essa manifestação cultural urbana e contemporânea carrega uma dupla interpretação para além da estética visual, pois seu sentido não é evidente à primeira vista, mas se constrói a partir da resistência, identidade e denúncia social, sendo essa sua comunicação provocativa à sociedade.

Na Folkcomunicação, teoria genuinamente brasileira criada pelo jornalista pernambucano Luiz Beltrão (1980), o grafite criou seu próprio vocabulário e sua linguagem, usando aquilo que tem à disposição, como por exemplo os muros. Por outro lado, a sociedade sob o senso comum enxerga esse grupo como “marginais”. Essa forma de comunicação popular, muitas vezes, não é compreendida pela massa, surgindo, assim, a necessidade de uma linguagem específica desses grupos. Diferente da mídia tradicional, que transmite sua mensagem a várias camadas da sociedade, na Folkcomunicação (Beltrão 2007) cada grupo desenvolve sua própria linguagem e utiliza os meios disponíveis para se expressar, refletindo seu modo de vida, aspirações pessoais, coletivas e opiniões.

Nesse sentido, somente quem compartilha dos mesmos referenciais culturais do grafite entende a profundidade da sua mensagem, para os outros, é apenas ruído. À luz dos estudos de Beltrão (1980) os grafiteiros compõem os grupos urbanos marginalizados. Segundo o autor, esses grupos são formados por pessoas que vivem nas camadas mais pobres da sociedade, com pouca assistência, informação e quase nenhum acesso aos meios de comunicação (Beltrão, 1980, p. 55), portanto, utilizam-se de manifestações socioculturais e religiosas para se comunicarem, como por exemplo, é o caso do grafite.

A justificativa do estudo se dá pelo fato desse grupo não se adequar ou sequer ter espaço nos meios de comunicação tradicionais, e por isso buscam na arte grafiteira alternativas para se expressar. A partir dos anos 1960, artistas começaram a romper com

os espaços convencionais, como museus e galerias, e passaram a explorar territórios urbanos (BLAUTH, 2012, p. 147).

Diante disso, o objetivo da pesquisa é analisar o grafite como veículo folkcomunicação dos grupos urbanos marginalizados (político-ativistas) na cidade de Manaus sendo uma comunicação autêntica dessa camada popular, para contar histórias, problemas sociais, questões políticas e expressões culturais. Com base nos estudos da Folkcomunicação, foi possível aprofundar a análise sobre a construção de sentidos do grafite e a forma como ele contribui para a resistência, adentrando sua correlação com a cultura underground e com o subgênero político-ativista, estudando as ferramentas que os grafiteiros usam para comunicar suas mensagens, o que é essencial para os grupos urbanos que estão à margem dos meios tradicionais de comunicação.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste em diversos aspectos para alcançar o seu objetivo principal, o qual visa compreender o grafite como um veículo folkcomunicação na cidade de Manaus e compreender como essa arte serve como canal de expressão para externar seus descontentamentos, opiniões silenciadas, e também, novas perspectivas de vida. É realizada uma revisão bibliográfica sobre folkcomunicação, ancorada nas obras de Luiz Beltrão (1980), bem como autores que tratam desta teoria e o grafite, diante da importância que esta arte urbana possui como objeto de comunicação dos marginalizados da sociedade, entre eles estão Amphilo (2011) e Castro e Gamba Junior (2018). O trabalho também aborda sobre a cultura *underground* em suas características e como ela está presente cotidianamente na mídia, utilizando como principal referência os estudos de Andréa Maia (2014).

Partindo de conceitos metodológicos de Prodanov e Freitas (2013) a natureza é básica, que consiste em verdades e interesses, buscando gerar novos conhecimentos para o avanço de estudos, sem aplicação prática prevista. Ademais, neste trabalho foi aplicada uma das metodologias propostas por Fernandes, Pinheiro e Martins (2013) para pesquisas folkcomunicacionais, o método científico materialista-dialético (marxista). Este método possui a capacidade de analisar o grafite como o produto de uma realidade social contraditória, da comunicação popular enraizada em disputas de poder e de um

local onde prevalecem as diferenças e lutas sociais. A dialética que compõe este método nos fornece a base de uma interpretação dinâmica e social da realidade estudada, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, pois são intrinsecamente influenciados pela política, economia e a cultura que os envolve.

A partir desta perspectiva, ainda seguindo os estudos de Prodanov e Freitas (2013), o procedimento técnico se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, onde o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados. Entretanto, ao decorrer do estudo uma de suas vertentes de pesquisa se destaca, a Etnografia, a qual tem como foco entender a cultura de comunidades e grupos sociais, com base no envolvimento e na inclusão do observador no processo. Sendo um método específico de coleta de dados, a pesquisa etnográfica possui outros modos de fazer pesquisa qualitativa, entre eles incluem: pesquisa de campo, conduzida no local em que o grupo estudado convive e socializa; utilização de entrevistas com fontes de trabalhadores desse ramo da arte que luta para se manter visível em sociedade dominante; multifatorial, uso de duas ou mais técnicas de coleta de dados, como entrevistas semi-estruturadas (BARROS; DUARTE, 2005); indutivo, realizando um acúmulo descritivo de detalhe da realidade estudada; e holístico, construindo um retrato mais completo possível do grupo em estudo.

Por fim, o estudo tem caráter exploratório, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele, especialmente no caso do tema proposto, onde se busca relatar sobre o grafismo nas áreas marginalizadas de Manaus para abordar como ele se torna um mecanismo que comunica a realidade do grupo social que vive no local, tal como seu livre acesso nos segmentos sociais, espaciais, territoriais e culturais, bem como explanam suas insatisfações, desejos, sugestões, incluindo políticos ou meramente tentando agregar a beleza do ambiente no qual se insere.

REFERENCIAL TEÓRICO

O grafite como expressão urbana cultural parte do preceito da Folkcomunicação de Luiz Beltrão (1980) usada pelas camadas marginalizadas da sociedade, que

comunicam essa expressão popular fora dos meios tradicionais. A proposta dos estudos de Folkcomunicação ao grafite não é apenas fazer um registro da sua manifestação, mas aprofundar em seu papel social que dá vozes aos marginalizados. Segundo Castro e Gamba Junior (2018, p. 300), tanto no grafite quanto em outras formas de expressão urbana, há uma clara intenção dos grupos em demonstrar inconformidade com o poder público, realizando um protesto simbólico, sem violência física, mas repleto de confrontos simbólicos. A Folkcomunicação, portanto, deve ser entendida como um campo transdisciplinar, que exige do pesquisador um esforço para conciliar teoria e prática, tradição e contemporaneidade, forma e conteúdo (AMPHILO, 2011).

Partindo do pressuposto de que o grafite integra os modos de expressão de grupos culturalmente marginalizados, é possível associá-lo à cultura underground, que, segundo Maia (2014, p. 44), no que tange ao comportamento, se assemelha ao *modus operandi* de muitos agrupamentos que fazem parte da cultura underground. Tanto os grafiteiros quanto os adeptos da cultura underground se posicionam à margem dos padrões sociais estabelecidos, e, por isso, costumam receber o mesmo tratamento da sociedade: são rejeitados pela cultura dominante. Dada a estabilidade da cultura underground no grafite, destacamos as três classificações ressaltadas por Maia, a partir dos estudos da Folkcomunicação:

Os adeptos da cultura underground se enquadram nos três subgêneros dos grupos culturalmente marginalizados da folkcomunicação, em virtude da diversidade e amplitude, sobretudo por abranger inúmeras expressões da contracultura. O subgênero messiânico [...] o subgênero político-ativista [...] o subgênero erótico-pornográfico [...] conforme argumenta Maia (2014, p. 44-45).

O grafite se encaixa no subgênero político-ativista, conforme nos apresenta Beltrão, sobretudo por se manifestarem de forma subversiva, contra a ordem estabelecida, a cultura hegemônica. Segundo Baldin e Cherem (2020, p. 210), o grafite com temas políticos é uma forma de ativismo político de nível micro, utilizado por aqueles que não acreditam que a política convencional possa gerar mudanças significativas (WALDNER; DOBRATZ, 2013, p. 387 apud LI; PRASAD, 2018, p. 4). Dessa forma Beltrão (1980, p. 103-104) classifica o subgênero político-ativista como uma representação tanto na manutenção das estruturas de dominação quanto uma tentativa de ruptura com a ordem política e social vigente. Portanto, ao integrar o grafite na cultura underground e a sua atuação como subgênero político-ativista, o grafite se

posiciona com um conjunto de ferramentas como a arte, política e comunicação. Considera-se, então, que compreendê-lo dentro da perspectiva da Folkcomunicação é uma forma de ver a sua construção de sentidos na disputa por espaços de visibilidade.

O GRAFITE COMO VEÍCULO FOLKCOMUNICACIONAL

A Folkcomunicação vem com o objetivo de fechar a brecha entre teoria e conceito da realidade do cotidiano, antes descartada pelos investigadores. Faltavam aqui os estudos de grupos sociais e seu poder de persuasão em sociedade, tal como Beltrão realiza em Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados (1980), estudando os grupos marginalizados. Não muito distante do valor cultural e histórico das compreensões sobre Folkcomunicação, é impossível esconder que neles estão presentes ambiguidades e contradições pouco percebidas. Novas interpretações de mensagens não se faziam apenas em função de uma “leitura individual” e diferenciada das lideranças comunitárias, com a máxima de levar desenvolvimento social regional e nacional, a inclusão e transformação social, bem como a compreensão de mensagens gravadas em muros pelas cidades e promoção de integração de paz e respeito social.

Em linha com os conhecimentos folkcomunicacionais, o grafite é o objeto escolhido para ser trabalhado. Segundo Baldin e Cherem (2020), essa forma comunicacional em relações com os sujeitos presentes nela, possui potência imagética e comunicativa, intrinsecamente ligado à vida social, fenômenos e processos socioculturais vivenciados por comunidades marginalizadas. As produções visualizadas, em caráter subversivo e de denúncia, proporcionam percepções mais efetivas sobre realidades sociais do cidadão médio em certos espaços, seus questionamentos, medos e entendimentos a respeito do mundo que lhe cerca. Para Blauth e Possa (2020), no contexto das grandes cidades, tais intervenções ocasionadas pelos indivíduos pertencentes a essas comunidades esquecidas pelo poder público, nota-se características importantes como signos próprios, a linguagem, música, esporte e vestimentas, manifestando suas ideologias de vida e conhecimento de uma parcela da sociedade reprimida pela cultura dominante, ou seja, observar a cultura contemporânea por meio do grafite é, também, buscar entender o homem e sua realidade.

Consideramos as periferias da cidade de Manaus como objeto de estudo para correlacionar o aporte teórico com a prática. Para obter os primeiros resultados da análise, realizamos o registro fotográfico de grafites nas ruas da cidade. Posteriormente, realizamos entrevista com grafiteiro local para compreender essa arte como forma de manifestação social, desafiando as ordens sociais estabelecidas. Dentre essas imagens, algumas foram escolhidas para serem analisadas e estudadas. Após discussão com o grupo, escolhemos aquelas que melhor representavam a cultura underground e os conceitos da Folkcomunicação propostos por Luiz Beltrão. Na seleção final, foi escolhida uma imagem registrada nos muros da Avenida Constantino Nery, uma das vias mais movimentadas de Manaus, em um ponto onde o grafite divide espaço com uma pichação, e outra em um prédio no centro da capital amazonense.



Figura 1 – Grafite registrado na Avenida Constantino Nery, Manaus/AM.
Fonte: Acervo pessoal de Ester da Silva (2025).

A imagem selecionada, pode ser vista como uma ferramenta de ativismo político urbano, por conter um retrato humano em seu destaque visual. Essa presença é uma figura real dos grupos marginalizados, que representa uma vítima de violência ou um líder local, reforça a ideia de que o muro se torna o meio de denúncia. Segundo Luiz Beltrão (1980, p. 227) os muros funcionam como espaços de expressão para emissores livres e anônimos, que, por não terem acesso a meios gráficos mais sofisticados, utilizam a arte urbana como forma de comunicação direta com a população. A imagem acima pode ser interpretada como uma manifestação simbólica por ocupar um espaço frequentemente negligenciado pelo poder público. Contudo, representa um ato político, pois rompe com a lógica da invisibilidade imposta aos grupos marginalizados urbanos.

A imagem do grafite, cuja autoria não é confirmada, remete à ideia de anonimato e resistência coletiva. Apesar de haver um nome ao lado, não se pode afirmar com certeza se pertence à pessoa que o produziu ou a alguém que apenas pichou o muro próximo a ele. Essa indefinição autoral reforça o caráter anônimo da obra, conforme destaca Khoury (2001, p.277) assim como o subcomandante, que se mantém sem identidade revelada, o anonimato evita que o foco fique em uma única liderança e protege o movimento de ataques direcionados a uma pessoa só e “quanto mais agressivo o governo opressor, quanto mais ameaçador, mais indecifrável é o código, pois pretende ser inteligível somente a um ou determinados receptores, não sendo inteligível ao dominador” (Amphilo, 2011, p.12).



Figura 2 – Grafite registrado na Rua Floriano Peixoto, Centro Histórico de Manaus.
Fonte: Acervo pessoal de Ester da Silva (2025).

Partindo para fora da periferia, o grafite também se mostra presente em locais mais movimentados e conhecidos, como o centro histórico de Manaus. Na respectiva fotografia do grafite de autoria do artista visual Alessandro Hipz, destaca-se a arte de uma mulher indígena, levando a imponência dos povos originários que se encontram à mercê da sociedade, sofrendo preconceitos por seus costumes e modos de viver perante

a vida urbana. A questão da marginalização é uma das principais características da cultura *underground*. De acordo com Maia (2014), os artistas *undergrounds* buscam se diferenciar das características do *mainstream*, como forma de legitimação de suas práticas culturais. O grafite em evidência na imagem acima caracteriza-se diretamente como um modo desse grupo social expressar a sua participação no ambiente urbano sem compor o meio de consumo da indústria cultural.

Assim, nasce uma cultura da periferia, arte das ruas que compartilha espaço com vários estímulos visuais no contexto urbano mencionado nas fotografias anteriores. O grafite expressa a voz contida de um povo marginalizado, que sem mencionar palavras, questiona e indaga a ordem estabelecida. Como referência essencial para compreensão das funções do grafite em escala social, Denis Ldo, muralista, rapper e grafiteiro de Manaus (AM), destaca a essência de uma arte que destaque diversos aspectos em sociedade como protesto, resistência e apoio. Denis relata que adentrou esse universo de expressão e comunicação primeiramente através da pichação, os primeiros contatos e a identificação consigo, posteriormente aprimorando técnicas artísticas para levar novas artes para muros e viadutos da cidade com o grafite.

“Então, através da pichação, eu tive uma oportunidade, né? Porque quando eu era pequeno eu desenhava, eu sempre tinha meus colegas do meu lado, pô, que legal, sabe, dando aquele incentivo. Então, isso faz a gente se sentir mais vivo, faz a gente esquecer dos problemas. Através da pichação, eu tive uma oportunidade de poder fazer mais alguma coisa sobre arte, por mais ilegal que seja, mas foi a primeira porta, deixando alguma coisa pra todo mundo ver, entendeu?” (Denis Ldo, 2025).



Denis Ldo em evidência em seu ateliê de trabalho.

Foto: Mayson Nogueira (2025).

Destaca-se neste trabalho a diferença norteadora entre pichação e grafite. Para Lopes (2011), a pichação se faz presente em gangues que utilizam a violência para controlar áreas menos protegidas pelo poder público, sendo vista como contravenção legal pela justiça, uma vez possui valor artístico e expressivo, porém, é considerado crime e vandalismo. Lopes (2011) também aponta que os pichadores em nível de confrontação violenta e provocação das autoridades, sem qualquer pretensão artística, inseridos em uma espécie de jogo, possuem dois desafios a serem superados, um interno e outro externo aos pichadores que é deixar sua marca no lugar de difícil acesso. Denis ressalta a pichação como “arte que agride visualmente”, feita em locais proibidos, sendo insultos espalhados pelo ambiente urbano, mais agressivo e menos artístico.

“Porque a pichação é uma coisa que não te chama. Ela está ali para ‘agredir visualmente’, para mostrar uma revolta, alguma coisa, né? E geralmente é feita através de letras, né? Em lugares não autorizados, em prédios. Então, desafiando muitas leis, né? Ela é um insulto. Ela não está ali. Se você gostar ou não gostar, ela vai estar lá.” (Denis Ldo, 2025).

O grafite chama atenção não só pelo uso das cores, linhas, formas chamativas, mas também no contexto que está inserido e os temas retratados nestas obras, criando, além de um contraste colorido em meio ao cinza do concreto, formas de comunicar suas insatisfações e denunciar, pois o grafite não é vandalismo, é na verdade, uma forma de arte e expressão, e quando incentivada e aplicada de forma correta, ajuda a construir a cidadania individual e coletiva (Lopes, 2011, p.8). Dialogando a respeito ao fato supracitado, Denis Ldo reforça a importância dessa arte expressiva no estado do Amazonas, que procura exaltar a cultura amazônica e dos povos originários, bem como colocar em pauta problemas acerca do meio ambiente e buscar fazer com que a população manauara cultive um sentimento de pertencimento e valorize a riqueza do seu território. Segue imagem abaixo retratando um pouco dessa questão trabalhada na capital amazonense no bairro São Raimundo, zona oeste da cidade.



Grafite presente no bairro São Raimundo, zona oeste de Manaus (AM).

Foto: Acervo pessoal de Luís Castro (2025).

A artes expostas são uma forma de expressão dos grafiteiros, possuindo o intuito de abordar suas questões simbólica e imagética, sendo relacionadas principalmente às suas vivências e experiências pessoais ou como membros da sociedade, buscando como objetivo atingir o público para o qual são dirigidas as suas mensagens, sejam convencionais ou de folk (BELTRÃO, 1980, p. 103). Dessa forma, cada artista grafiteiro procura expressar diferentes maneiras de sua vivência no ambiente urbano, buscando a conscientização para a construção de uma vida humanitária, uma fonte de cultura e conhecimento para esta categoria da sociedade de um modo geral, aliando arte e comunicação num espaço comum. De modo geral, para Beltrão (1980) as mensagens gravadas por comunicadores cumprem com suas quatro funções: informam, opinam, buscam fornecer elementos de educação e divertem, atingindo diversos públicos que desejam se comunicar através da arte expressiva das comunidades, ressaltando suas emoções e desejos em muros e viadutos espalhados pelo meio urbano.

O grafite é um meio folkcomunicação que pode ser compreendido como manifestação política, considerados líderes de opinião, capazes de codificar as informações transmitidas pelos veículos de massa em uma linguagem mais popular, transformando seus códigos e símbolos para a cultura daqueles que vivem à margem. Os grafiteiros também são líderes de opinião na visão de Beltrão (1980), pois estão mais próximos da sociedade para a qual se dirigem, pelo fato de precisarem alcançar uma

audiência, normalmente impedida de obter um nível de compreensão da sociedade considerada, ou seja, a manauara, instruída.



Materiais utilizados para o grafite presentes no ateliê de Denis Ldo. Foto: Mayson Nogueira (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou entender como o grafite é utilizado como expressão folkcomunicação de resistência e expressão de grupos marginalizados em Manaus. Portanto, ao relacionar aos pressupostos teóricos de Luiz Beltrão (1980) sobre Folkcomunicação com as contribuições de autores como Maia (2014), esta pesquisa mostra como o grafite se torna uma maneira única de se comunicar e expressar a identidade de quem está fora do *mainstream*¹¹, muitas vezes sem espaço nos meios de comunicação tradicionais.

Portanto, a proposta é olhar para o grafite não só como arte urbana, mas como um meio simbólico de comunicação dentro das periferias de Manaus. Ao usar os muros da cidade como pontos de resistência, essa forma de arte reforça a cultura underground e tem papel fundamental no ativismo político. Enfim, esse estudo expande o entendimento sobre o grafite, e lança luz sobre como ele é um canal importante para os grupos marginalizados.

¹¹ *Mainstream*: corrente principal ou dominante de uma cultura, tendência ou estilo. É o que é popular e amplamente aceito pela maioria das pessoas em determinado contexto.

REFERÊNCIAS

- AMPHILO, Maria Isabel. **Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural**. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 1, 2011, p. 6-7.
- BALDIN, Vitória Paschoal; CHEREM, Youssef Alvarenga. **Ativismo, resistência e mudança social na prática e nas expressões do grafite**. *Revista Galo*, Ano 1, nº 2, Parnamirim, jul./dez. 2020, p. 205-220.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. A comunicação dos marginalizados. **In**: GOBBI, Maria Cristina; MARQUES DE MELO, José (Org.). **Folkcomunicação: a mídia dos excluídos**. Série Estudos. Rio de Janeiro: Unesco/Metodista, 2007. p. 43.
- BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. **Arte, grafite e o espaço urbano**. PALÍNDROMO, Florianópolis, n. 8, 2012. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, CEART/UDESC. DOI: <https://doi.org/10.5965/2175234604082012146>. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/2179>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- CASTRO, Andrea Carolina Camargo; GAMBA JUNIOR, Nilton Gonçalves. **O grafite e sua ressignificação: linha tênue entre o vandalismo e a arte de rua**. *Projética*, Londrina, v. 9, n. 2, supl., p. 299-318, nov. 2018. DOI: 10.5433/2236-2207.2018v9n2suplp299.
- INDÍGENA DE SÃO GABRIEL INSPIRA GRAFITE GIGANTE EM PRÉDIO NO CENTRO DE MANAUS. Amazonas Atual. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/indigena-de-sao-gabriel-inspira-grafite-gigante-em-predio-no-centro-de-manauas/>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- MAIA, Andréa Karinne Albuquerque. **Aproximações entre a cultura underground e os grupos culturalmente marginalizados da Folkcomunicação**. *Revista Comunicação & Educação*, Ponta Grossa, v. 12, n. 26, p. 35-46, set. 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18932>. Acesso em: 11 abr. 2025.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.
- KHOURY, Yara Aun. **Subcomandante: da cultura underground à cultura de resistência**. Projeto História, São Paulo, n. 22, p. 277, jun. 2001.

LOPES, Joana Gonçalves Vieira. **Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano.** Brasília, n. 1, p.39, jun.2011. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3824/1/2011_JoanaGoncalvesVieiraLopes.pdf.

Acesso em: 10 jun. 2025